

SEMANA DOS SEMINÁRIOS

Vigília de Oração pelos Seminários



| Amares
| **23 Novembro**
Igreja de Santa Maria de Bouro | 21H15

Braga |
16 Novembro |
Igreja de S. Paulo | 21H15

11 - 18 NOVEMBRO 2018
**SEMANA DOS
seminários**
FORMAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

Participa!
Traz os teus amigos.

SUMÁRIO

ENTREVISTA COM SEMINARISTA
PEDRO ANTUNES,

PÁG. 2

PRÉ-SEMINÁRIO - INFORMAÇÕES,

PÁG. 6

TESTEMUNHOS:

— PEDRO CUNHA (PRÉ-SEMINARISTA
DO SEMINÁRIO MENOR),

PÁG. 8

— SIMÃO MALHEIRO
(PRÉ-SEMINARISTA DO SEMINÁRIO
MAIOR),

PÁG. 8

— RUI ESTEVES (SEMINARISTA
DO SEMINÁRIO MENOR),

PÁG. 8

— PADRE FILIPE ALVES,
NATURAL DE BICO,

PÁG. 9

— PADRE LEONEL CUNHA,
NATURAL DE CAIRES,

PÁG. 10

PROVOCAÇÃO,

PÁG. 11

CULTURA,

PÁG. 12

O PAPEL DA FAMÍLIA ...

... no crescimento da fé ...

“Mas não quero calar os sentimentos que me brotam da alma, acerca desta vossa serva que, pela carne, me concebeu para a vida temporal e, pelo coração, me fez nascer para a vida eterna” (Confissões, IX, 8).

Estas palavras de Santo Agostinho, referindo-se a sua mãe, Santa Mónica, ajudam-nos a vislumbrar o papel que a família tem no crescimento da fé. Por mais palavras que escreva, não conseguirei atingir a sua profundidade!

A família é uma das instituições mais “atacada” na sociedade contemporânea. Algumas ideologias, com claros interesses políticos, têm procurado desconstruir o significado da palavra família, levando-a a querer significar ou expressar “tudo e mais alguma coisa”. Por isso mesmo, algo que pretenda significar tudo, corre o risco de não significar nada. Talvez seja isso o que alguns pretendem...

No que respeita ao concreto da família cristã, existem muitos textos da Sagrada Escritura que nos desafiam a perceber o papel nuclear que a família tem no crescimento da fé. Basta, desde logo, pensarmos que Jesus fez uma grande parte do seu amadurecimento espiritual no seio de uma fa-

mília. É uma das conclusões que podemos tirar do Evangelho de S. Lucas que afirma: *“Desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses factos em seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2, 51-53).* A família é, por isso, um local de excelência para, tal como Jesus, podermos crescer em *sabedoria, estatura e graça*, ou, dito, por outras palavras, para podermos amadurecer este elo que nos liga a Deus que é a fé.

Reconhecer na família este local de amadurecimento da fé só é possível pelos laços de comunhão, no amor, que unem as famílias cristãs

e que, por isso, se tornam, em certa medida, uma imagem da comunhão do Pai e do Filho, no Espírito Santo (cf. CIC, 2205).

É, pois, **fundamental** que, apesar dos desafios **que as famílias cristãs hoje enfrentam, estas nunca desistam de propor uma caminhada de fé aos seus filhos**, fazendo cumprir o que prometeram à Igreja de Deus, no dia do Batismo: *dar-lhes uma educação cristã*. Tenho que agradecer à minha mãe e aos meus avós maternos, por me terem proporcionado essa educação cristã.

Sabemos que atualmente, muitos pais nem se importam com essa dimensão espiritual dos seus filhos, pois os sacramentos são encarados



NOTA
BIOGRÁFICA

Nome: **Pedro Antunes**
 Idade: **31 anos (26-11-1986)**
 Naturalidade: **Azurém, Guimarães**
 Morada: **Bouro Santa Marta, Amares**
 Paróquia: **Bouro Santa Maria, Amares**

Atualmente, sou aluno do 5º ano do Mestrado Integrado em Teologia, na Universidade Católica Portuguesa – Braga e frequento o Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo – Braga desde 2014. Em 2013, terminei a licenciatura em Sociologia, na Universidade do Minho e, em 2014, terminei o primeiro ano do Mestrado em Sociologia, na Universidade do Minho, no ramo de Desenvolvimento e Políticas Sociais.

Nessa altura estava a realizar um estágio profissional na associação Valoriza – Associação de Desenvolvimento Local, com o objectivo de reduzir a info-exclusão, na terceira idade do concelho de Amares.

Ao longo dos anos em que fui trabalhador-estudante, desempenhei atividades profissionais diversas, desde lojista, distribuidor de panificação, técnico administrativo numa farmácia, etc.

Também procurei sempre ter um papel cívico ativo na sociedade que me rodeava: fui Presidente da Assembleia de Freguesia de Bouro Santa Maria, no mandato 2013-2017. De 2012 a 2014 fui presidente do Núcleo de Estudantes do Curso de Sociologia da Universidade do Minho. Desde 2005, pertenço ao Grupo de Teatro de Bouro Santa Maria. Durante seis anos também pertenci à Associação Recreativa e Cultural de Bouro Santa Maria.

O envolvimento paroquial na comunidade de Santa Maria de Bouro, em muito contribuiu para caminho de discernimento vocacional que estou a fazer.

Sou catequista desde que recebi o sacramento da Confirmação, em 2002.

Ao longo do tempo, o meu pároco, Padre Paulo Neiva, foi-me desafiando a assumir responsabilidades na paróquia. Fui coordenador paroquial e arci-prestado da catequese até à minha entrada no Seminário Conciliar de Braga. Pertenço aos Serviços de Formação do Departamento Arquidiocesano da Catequese de Braga.

Sempre procurei estar presente onde a paróquia precisava. Por isso, para além da catequese, pertencia ao grupo coral, ao grupo de leitores e, desde 2009, acompanho o compasso pascal em Santa Maria de Bouro e, desde que estou no Seminário, tive a possibilidade de conhecer, neste âmbito, as paróquias de Santa Marta de Bouro e S. Tiago de Goães em Amares e Oliveira e Frades, na Póvoa de Lanhoso.

como convenções sociais, ou simplesmente são ignorados, servindo-se da desculpa da “liberdade”.

Sobre isto, importa referir que, da mesma forma em que os pais não perguntam às crianças se querem comer ou ir à escola e, com isso, não estão a prejudicar o seu livre arbítrio, nem a sua liberdade, mas a zelar pela



sua educação com amor, devem cuidar para que os filhos recebam uma educação na fé.

Não fazendo isso, os pais comprometem o crescimento espiritual dos seus filhos. Sobre isto, recordo-me de umas palavras de um professor que comparou esta situação de não propor o Batismo aos filhos, deixando isso para um dia cada um decidir, com a aprendizagem da linguagem. Se os pais não procuram que os seus filhos desenvolvam a linguagem na faixa etária correta, estes correm o risco de comprometerem para sempre essas capacidades. Mas, por outro lado, se os ensinarmos pelo menos uma língua, eles serão capazes de aprender muitas outras línguas. **Se, no crescimento espiritual, não propomos um modelo que seja, as crianças nunca serão livres de, no futuro, poderem adotar um outro modelo (ou aprofundarem este), pois não têm nenhuma referência.** Aí sim, perdem a sua autonomia e liberdade.

A educação na fé que recebemos na paróquia, participando nos sacramentos e na catequese, **também é educar para a liberdade.** Neste aspeto, alegro-me com o testemunho de um casal amigo que, na minha paróquia, decidiu, à dois anos, inscrever o seu filho na catequese, mesmo não sendo este batizado.

... no acompanhamento dos jovens (escola, universidade ...)

Como é óbvio, este papel da família em ser imagem da comunhão da Trindade e educadora na fé, não se limita ao tempo da infância. Como refere a *Lumen Fidei*, “sobretudo os jovens, que atravessam uma idade da vida tão complexa, rica e importante para a fé, devem sentir a proximidade e a atenção da família e da comunidade eclesial no seu caminho de crescimento da fé. (...). Os jovens têm o desejo de uma vida grande; o encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança firme que não desilude.” (LF, 53).

A família tem que se fazer presente neste tempo tão difícil, mas tão belo, da juventude. Ela deve ser uma espécie de “sacrário da fé”, pois é, muitas vezes, durante o tempo escolar

e académico que a fé dos jovens é esvaziada de toda a esperança.

Tenho muita estima pelos professores e tenho muitos amigos professores, mas, enquanto catequista, ligado, nos últimos anos ao 7º e 8º ano de catequese, deparo-me com jovens que me referem algumas considerações e opiniões pessoais que, alguns professores, tecem sobre a fé em Cristo, ou a vida da Igreja, a relação Igreja-sociedade, ou, simplesmente, da religião em geral e que não refletem em nada, a posição ou o pensamento da Igreja sobre esses assuntos e revelam sobretudo um conjunto de preconceitos pessoais, fruto de uma sociedade do “achismo”.

Para nós, catequistas que passamos apenas 2 horas por semana com os jovens, é difícil fazer um acompanhamento adequado. Por isso, **a família tem que se mostrar como um pilar da fé cristã para os jovens, mas isso nem sempre é fácil...** A família deve ser capaz de apontar sempre *O Caminho* de esperança que é Cristo. A atitude para enfrentar as dificuldades, na linha do que nos propõe a nossa Arquidiocese de Braga, para este ano pastoral, encontra-se nas palavras de São Paulo: *“Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração.”* (Rm 12, 12). Este ser *alegres na esperança* implica encarar os desafios do nosso tempo com uma certeza que nos deve animar desde o nosso batismo: se somos batizados já somos ressuscitados em Cristo! É isto que S. Paulo nos refere na Carta aos Colossenses: *“Sepultados com Ele no Batismo, foi também com Ele que fostes ressuscitados, pela fé que tendes no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos.”* (Col 2, 12). Que outros motivos precisamos para ter esperança?

... no processo de discernimento vocacional (matrimónio, sacerdócio, vida consagrada...)

No âmbito das Semanas dos Seminários ou das Vocações, costumo dizer, aos jovens que vou encontrando nas



catequese, que a família é fonte de todas as vocações. Contudo, não podemos dizer que a família é fonte de todas as vocações, apenas porque das famílias saem pessoas para seguir outras vocações, para além da vocação ao matrimónio. É preciso ir mais além!

A família é o local por excelência para que uma vocação possa germinar de forma saudável e discernida, consciente e responsável. É no lar familiar que *“se aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e, sobretudo, o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida.”* (CIC, 1657).

Também a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* refere a missão dos pais, ou de quem faz a vez destes, no processo de discernimento: *“Os filhos sejam educados de tal modo que, chegados à idade adulta, sejam capazes de seguir com inteira responsabilidade a sua vocação, incluindo a sagrada, e escolher um estado de vida; e, se casarem, possam constituir uma família própria, em condições morais, sociais e económicas favoráveis. Compete aos pais ou tutores guiar os*

jovens na constituição da família com prudentes conselhos que eles devem ouvir de bom grado; mas evitem cuidadosamente forçá-los, directa ou indirectamente, a casar-se ou a escolher o cônjuge.” (GS, 52).

No fundo, **o amadurecimento humano e espiritual que deve ocorrer no seio da família é um “educar para o Amor” que tem que ser materializado num caminho vocacional, livremente escolhido por cada um.** Todo o cristão é chamado à santidade, como nos exorta S. Pedro, na sua *Primeira Carta*: *“assim como é santo aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder, conforme diz a Escritura: Sede santos, porque Eu sou santo.”* (1 Pe 1, 15-16). Por isso, o cristão, apoiado na família, deve concretizar esta procura pela santidade num caminho de doação e generosidade relativamente ao próximo, que pode ser o matrimónio, a vida consagrada ou o sacerdócio.

Trata-se de construir em família um projeto de felicidade para a nossa vida, mas que se alcança pelo amor e serviço ao (O)utro: é estar em permanente missão.

... na tomada de decisão por um caminho (particularmente de entrada no Seminário...)

Não sei se sou o melhor exemplo para falar deste tema, dado que quando falei à minha mãe que ponderava um caminho sacerdotal para a minha vida, já me tinha decidido a entrar no Seminário. Mas reconheço a importância da família compreender as nossas decisões ou mesmo questioná-las. Os nossos pais conhecem-nos tão bem que, por vezes, achamos que os vamos surpreender com alguma decisão e eles já estão mais do que preparados para nos ver a tomá-las. Assim foi comigo, pois quando contei à minha mãe a minha decisão de discernir um caminho sacerdotal, ela apenas me disse que queria que eu fosse feliz e, se era esse o caminho que eu escolhia, ia ter sempre o seu apoio.

Mas devemos atender sempre às circunstâncias de cada pessoa em discernimento e de cada família. Admito que, no meu caso, o facto de ser mais velho e de procurar sempre viver na responsabilidade, ajudou a que a minha decisão fosse aceite no âmbito familiar.

Contudo, **poderão haver jovens que precisem de ser desafiados e interpelados pela própria família a seguirem um caminho de discernimento rumo ao sacerdócio. Por vezes, somos nós próprios que colocamos entraves a esse caminho**, porque estamos assombrados por não ter certezas sobre o futuro. **Só com a confiança de sentirmos que é Deus quem chama e, por isso, nos dará condições para seguir esse caminho, conseguimos ter a ousadia de dar o primeiro passo.**

Aqueles que nos amam estarão sempre connosco, seja qual for o caminho escolhido. Mesmo que a nossa decisão possa parecer mais radical, é preciso deixar que seja o tempo, o nosso trabalho quotidiano e, claro, o Espírito de Deus a mostrar a todos que estamos a caminhar para a nossa felicidade. Nesse sentido,



procuro guiar-me pelas palavras de S. Inácio de Loyola: *“Trabalha como se tudo dependesse de ti e confia como se tudo dependesse de Deus”*.

... e no acompanhamento durante o tempo de Seminário.

Por vezes temos visões deturpadas sobre como será o relacionamento com a nossa família, depois da entrada num Seminário. Pensamos que vamos “deixar” a nossa família, ou que os nossos pais ou irmãos precisam da nossa presença constante, que estão dependentes de nós, etc. Pura ficção!

Precisamos ter presente que o papel da família é autonomizar-nos para uma vida em sociedade, que requer uma escolha vocacional discernida. A família será sempre um suporte dessa escolha, mas pode implicar um certo perder para ganhar, à maneira do grão de trigo: *“se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto.”* (Jo 12, 24). Uma certa distância familiar, ajuda-nos a valorizar e a crescer na relação que temos com a família e ajuda-nos a recentrar essa relação no essencial: o amor.

Enquanto cristãos, o nosso horizonte é sempre Cristo, por isso, tudo o que somos, pensamos, sentimos e

fazemos deve estar orientado para esse Horizonte.

No meu caso concreto de entrada no Seminário Conciliar de Braga, **posso afirmar que a minha família procura estar sempre presente na minha caminhada. Fazemos esta caminhada lado a lado.** O Seminário também procura partilhar com as famílias muitos momentos marcantes ao longo do ano. Por isso, nota-se que há um esforço, por parte dos responsáveis pela formação, para que as famílias também sejam parte ativa neste processo de discernimento vocacional.

Por fim, quero referir que não sei como agradecer todo o apoio, paciência, confiança, conforto, generosidade, trabalho, espírito de sacrifício (no fundo amor) que recebi da minha mãe, irmãos, dos meus avós, padrinhos, tios, pároco, Equipa Formadora dos Seminários e amigos, toda a minha vida, mas particularmente desde a minha entrada no Seminário Conciliar de Braga.

Só posso agradecer a Deus por todas as pessoas que coloca, a cada dia, na minha vida e pedir-Lhe que me faça uma testemunha fiel do Seu Evangelho. Para isso procuro enfrentar a vida desta forma: *“Em tudo Amar e Servir.”* (S. Inácio de Loyola).

PRÉ-SEMINÁRIO, UM DINAMISMO VOCACIONAL COM SENTIDO



O que é o Pré-Seminário?

O *Pré-Seminário* é uma proposta diocesana para acompanhar adolescentes, jovens e adultos no seu processo de discernimento vocacional. Pretende-se, por isso, ajudar os candidatos ao Seminário a colocarem corretamente e com seriedade a questão vocacional, como abertura a um projeto de vida com sentido, segundo a vontade de Deus.

Por outras palavras, é uma caminhada para descobrir aquilo que Deus quer para cada pessoa (a sua vocação) e quais os sinais que Ele revela na sua vida quotidiana. Trata-se de um processo para aprender a escutar a voz de Deus, no testemunho e na alegria de quem quer ser feliz e fazer felizes os outros, nas escolhas que toma para a sua vida. É também uma oportunidade para conhecer o ritmo de vida do Seminário e

o projeto educativo que este tem para oferecer, numa caminhada conjunta com os formadores e os seminaristas.



Quem pode frequentar o Pré-Seminário?

Frequentar o Pré-Seminário implica aderir a Jesus de Nazaré e à sua belíssima mensagem, ou seja, ser seu discípulo, e uma predisposição para fazer um caminho de discernimento vocacional.

Quando estas condições estão reunidas em rapazes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, então eles podem falar com o pároco, os catequistas e/ou os pais para participarem nos encontros de *Pré-Seminário Jovem*, que decorre num sábado por mês, entre as 09h30 e as 17h00, no Seminário de Nossa Senhora da Conceição. A partir do 11º ano ou equivalente, os jovens e adultos que queiram compreender se o Seminário os poderá ajudar a discernir a vocação sacerdotal, então poderão frequentar



o *Pré-Seminário Adulto*, que acontece mensalmente, no Seminário Conciliar de São Pedro e São Paulo.

As datas destes encontros para o Ano Pastoral 2018/2019 já estão disponíveis.

Como estabelecer o contacto?

Para esclarecer dúvidas e/ou iniciar o processo de Pré-Seminário,

os candidatos podem estabelecer o contacto com os respetivos responsáveis: com o Pe. Joaquim Félix, no Seminário Conciliar, através do telefone 253203300 e do email joaquimfelix@hotmail.com; e com o Pe. Rui Sousa, no Seminário Menor, através do telefone 253202820 e do email ruisousa@arquidiocese-braga.pt.

Para obter mais informações, poderá consultar a página *web* dos Seminários Arquidiocesanos de Braga, www.fazsentido.pt, e manifestar a sua adesão na respetiva página das redes sociais.

Pe. Joaquim Félix e Pe. Rui Sousa

P R É - S E M I N Á R I O

Exerrei a hospitalidade uns com os outros sem murmurar 1Pe 4,9

<p>Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo Pré-Seminário Adulto</p> <table border="0"> <tr><td>29/09/2018</td><td> </td><td>1º Encontro</td></tr> <tr><td>13/10/2018</td><td> </td><td>2º Encontro</td></tr> <tr><td>24/11/2018</td><td> </td><td>3º Encontro</td></tr> <tr><td>22/12/2018</td><td> </td><td>4º Encontro</td></tr> <tr><td>12/01/2019</td><td> </td><td>5º Encontro</td></tr> <tr><td>16/02/2019</td><td> </td><td>6º Encontro</td></tr> <tr><td>09/03/2019</td><td> </td><td>7º Encontro</td></tr> <tr><td>13/04/2019</td><td> </td><td>8º Encontro</td></tr> <tr><td>11/05/2019</td><td> </td><td>9º Encontro</td></tr> <tr><td>06/07/2019</td><td> </td><td>10º Encontro</td></tr> </table> <p>Contactos: Campo de Santiago, 47 • 4704-532 Braga Tel. 253203300 • Fax 253203301 Email: seminarioconciliar@arquidiocese-braga.pt P. Joaquim Félix: joaquimfelix@hotmail.com</p>	29/09/2018		1º Encontro	13/10/2018		2º Encontro	24/11/2018		3º Encontro	22/12/2018		4º Encontro	12/01/2019		5º Encontro	16/02/2019		6º Encontro	09/03/2019		7º Encontro	13/04/2019		8º Encontro	11/05/2019		9º Encontro	06/07/2019		10º Encontro	<p>Seminário Nossa Senhora da Conceição Pré-Seminário Jovem "Tesouro de Esperança"</p> <table border="0"> <tr><td>13/10/2018</td><td> </td><td>1º Encontro</td></tr> <tr><td>24/11/2018</td><td> </td><td>2º Encontro</td></tr> <tr><td>15/12/2018</td><td> </td><td>3º Encontro</td></tr> <tr><td>12/01/2019</td><td> </td><td>4º Encontro</td></tr> <tr><td>02/02/2019</td><td> </td><td>5º Encontro</td></tr> <tr><td>16/03/2019</td><td> </td><td>6º Encontro</td></tr> <tr><td>06/04/2019</td><td> </td><td>7º Encontro</td></tr> <tr><td>04/05/2019</td><td> </td><td>8º Encontro</td></tr> <tr><td>01/06/2019</td><td> </td><td>9º Encontro</td></tr> </table> <p>26-29 de junho 2019 Estágio de Admissão</p> <p>Contactos: Rua São Domingos, 94 B • 4710-435 Braga Tel. 253202820 • Fax 253202821 Email: preseminarioadolescente@fazsentido.pt P. Rui Sousa: ruisousa@arquidiocese-braga.pt</p>	13/10/2018		1º Encontro	24/11/2018		2º Encontro	15/12/2018		3º Encontro	12/01/2019		4º Encontro	02/02/2019		5º Encontro	16/03/2019		6º Encontro	06/04/2019		7º Encontro	04/05/2019		8º Encontro	01/06/2019		9º Encontro
29/09/2018		1º Encontro																																																								
13/10/2018		2º Encontro																																																								
24/11/2018		3º Encontro																																																								
22/12/2018		4º Encontro																																																								
12/01/2019		5º Encontro																																																								
16/02/2019		6º Encontro																																																								
09/03/2019		7º Encontro																																																								
13/04/2019		8º Encontro																																																								
11/05/2019		9º Encontro																																																								
06/07/2019		10º Encontro																																																								
13/10/2018		1º Encontro																																																								
24/11/2018		2º Encontro																																																								
15/12/2018		3º Encontro																																																								
12/01/2019		4º Encontro																																																								
02/02/2019		5º Encontro																																																								
16/03/2019		6º Encontro																																																								
06/04/2019		7º Encontro																																																								
04/05/2019		8º Encontro																																																								
01/06/2019		9º Encontro																																																								



CAMINHO DE DESCOBERTA

Sou o Pedro, tenho 14 anos e pertenço à paróquia de Vilela, em Amares. Eu comecei a frequentar os encontros de Pré-Seminário, pois desde muito cedo tenho vindo a revelar um certo interesse em ser sacerdote. Por isso, os meus pais e o meu pároco sugeriram que eu participasse nos encontros mensais de Pré-Seminário, o que já vem a acontecer desde há três anos. Estes encontros têm ajudado a descobrir se a minha vida passa mesmo pelo sacerdócio ou não. Afinal, algumas experiências como estas só podem se realizar num certo local, como no Seminário.

Pedro Cunha, Vilela



DISCERNIR EM SÉRIE

O meu nome é Rui Esteves, sou natural de Vilela, Amares, e frequento o Seminário desde 2014, quando entrei para o 7º ano escolar, estando agora no 11º. Mais do que a ideia de uma “fábrica de padres”, o Seminário ajuda-me a discernir e a pensar a vocação a que Deus me chama. No Seminário, estabeleci relações de amizade e fui fazendo descobertas e com elas discernindo e percebendo o que Deus verdadeiramente quer de mim. Mais do que crescer fisicamente, no Seminário, eu cresci na caminhada de configuração com Jesus Cristo. Com Cristo no coração, tenho procurado viver na simplicidade e autenticidade, à luz de um discernimento no Senhor. Trago e levo comigo Cristo, como missionário junto dos que encontro na caminhada da vida.

Rui Esteves, Vilela

O CONVITE



Sou o Simão Malheiro, tenho 15 anos e sou da paróquia de Santa Maria de Ferreiros, arceprelado de Amares. Frequento o Pré-Seminário Jovem/Adulto no Seminário Conciliar São Pedro e São Paulo, tendo-me sido proposto este percurso de discernimento vocacional pelo Padre Rui Filipe Marques Araújo, aquando do seu estágio pastoral em Amares. A minha família não estranhou o facto de frequentar o Pré-Seminário, pelo contrário, pois sempre souberam que o que eu ansiava era ter um maior contacto com a realidade “Seminário”. Frequentar o Pré-Seminário é gratificante, pois, nada melhor que ter contacto com os seminaristas, com a equipa formadora, e com os colegas pré-seminaristas, para discernir, e entender se faz, ou não, sentido. O Pré-Seminário é também lugar de contacto com realidades comuns, pois, o exemplo de vida dos colegas pré-seminaristas auxilia também ao discernimento. No ano pastoral 2017/2018 (o primeiro ano em que frequentei o Pré-Seminário), eram vários os pré-seminaristas que já trabalhavam, ou que se encontravam a tirar um curso superior, mas que colocavam a hipótese de “deixar tudo” para ingressar no Seminário. Portanto, convido os jovens a discernirem os sinais vocacionais no Pré-Seminário, pois, um pré-contacto com a realidade é fundamental para que a decisão seja conscientemente tomada.

Simão Malheiro, Ferreiros



DO SILÊNCIO AO ANÚNCIO

O meu processo de discernimento terá sido um pouco diferente do habitual. E até entrar no seminário, fui sempre muito solitário neste processo.

Desde muito novo sempre tive consciência do questionamento do “Porque não ser padre?”, mas fui tentando evitar essa consciência, colocando-a de parte. Nunca contara a ninguém esse questionamento, o que funcionou até ao dia em que ganhei coragem e decidi ouvir a Deus. Sim, não é uma conversa fiada; tive de o fazer, de outra forma acredito que não conseguiria tomar a decisão.

Costumo dizer que Deus foi muito paciente comigo.

Ao longo dos anos fui recebendo muitos sinais, pequenos sinais: do nada alguém me disse que poderia ser padre (chateava-me um pouco isso); mas também pequenos eventos do dia a dia me levavam a esse questionamento, além do sentir-me mal com o abandono dessa questão ou o estar numa celebração e só pensar no colocar-me no lugar do celebrante.

Sou de uma família com profunda vivência católica. Fui ensinado na assiduidade à Eucaristia e da oração em família. A família é fundamental em todo o processo. Sempre me fascinou a vida de um santo da Igreja: Santo Agostinho. Fui conhecendo a sua história, os seus escritos. Via no exemplo de vida de Santo Agostinho algo que se identificava comigo. Cada vez mais me convenço que foi uma forte influência na minha vocação.

O meu pároco foi fundamental, não que eu tivesse conversado bastante com ele sobre isto; aliás, a primeira vez que falámos sobre este assunto foi já para ver da possibilidade de vir para o seminário. Contudo, o seu exemplo enquanto pároco, a sua dedicação, o seu serviço foi para mim um claro testemunho.

Deus foi muito paciente comigo, a Sua generosidade em continuar a chamar-me a esta vocação mostra o amor que tem por mim. Reflito muitas vezes: Deus não precisa de mim para ser Deus, então porque continuava a chamar se eu ignorava? Só pode ser amor. Saber e sentir que Ele me ama é uma explosão de alegria.

Agora, a vida paroquial leva a uma experiência única do serviço e encontro. Porém, os tempos são de grande exigência. Os párocos são o rosto mais visível e concreto para os fiéis. São a primeira linha, daí que sejam inúmeros os desafios, solicitações e um trabalho árduo. A experiência é ainda muito curta, estou mesmo no início da vida paroquial. Contudo, para encontrar sempre a explosão de alegria, é necessário não nos perdermos num ativismo pastoral e recentrar no essencial: Jesus Cristo e o memorial que nos mandou realizar, a Santa Missa.

Pe. Filipe Alves, Bico





O QUERER SER...

Quando pensamos e falamos de vocação, a primeira imagem que nos ocorre de imediato é a de um padre, freira, frade, monge... salta-nos a imagem de alguém que opta pela vida religiosa e consagrada. Por vezes, estas imagens podem distorcer o verdadeiro sentido do que é a vocação, pois podem-nos levar a pensar que Deus só chama pessoas para a vida religiosa, ou que aqueles que se sentem chamados para a vida religiosa são uns privilegiados e eleitos de Deus. Contudo, esquecemos que Deus chama-nos a todos. Chama-nos, em primeiro lugar, à vida, quando nos infla o sopro do espírito, o sopro de vida (Gn.2,7). Deste modo, não existem escolhidos de primeira nem de segunda divisão, porque todos somos, à “imagem e semelhança de Deus”, criados por Amor e para amar. E deste contexto nasce a nossa liberdade de optarmos ou pela vida religiosa ou pela vida matrimonial, que também é uma vocação fundamental e estruturante para a Igreja, pois é no seio familiar onde nascem todas as vocações.

Neste sentido, tal como a vocação à vida matrimonial nasce de uma relação de amor desinteressado, assim a vocação à vida religiosa e consagrada (padre, freira, frade, religioso(a)...) nasce de uma relação familiar que possibilite o contacto com o sagrado. Tal como no matrimónio o casal vai crescendo no conhecimento mútuo, assim também aquele que se sente chamado à vida religiosa pode e deve contar com um lugar que lhe possibilite crescer na Fé e discernir qual o plano de Deus para a sua vida.

É inegável que a família é o alicerce de todas as vocações, tal como foi e é o alicerce da minha vocação presbiteral, pois foi no seio familiar, ainda muito novo, que fiz esta primeira descoberta e comecei a despertar para a vida sacerdotal, percebendo pequenos sinais e valores que os meus pais me iam dando e transmitido nos momentos de oração diários. Sinais e valores que me levaram a dizer que queria ser padre. Porém, há uma outra comunidade fundamental no meu despertar vocacional: a paróquia, na qual também fui percebendo alguns sinais que me apontavam para a vida sacerdotal, desde o querer ser acólito, o interesse na catequese, o admirar o meu pároco... Sinais que me conduziram até aos encontros mensais do pré-seminário e daí ao ingresso na comunidade do Seminário onde recebi toda

a formação necessária para ser um homem que se quis consagrar a Deus pelo Sacramento da Ordem e assim servir a Igreja.

Uma das questões com a qual sou muitas vezes confrontado é: O que o motiva a ser padre?

Em primeiro lugar, é sentir que sou chamado por Deus a dar a minha vida pelos outros, ou seja, a responder a um convite de forma totalmente generosa e incondicional, tornando-me presença de Deus junto de cada pessoa. No fundo, é ser desafiado a ser administrador junto de todos, desde o mais pobre e humilde ao mais rico e opulento, de uma graça muito grande que não é minha, mas que me foi concedida por Deus para transmitir aos outros. Em segundo lugar, é perceber que esta entrega total e radical faz sentido no seio de uma Igreja e de um mundo que necessitam de homens não extraordinários, mas capazes de transmitir a alegria de Cristo Vivo e Ressuscitado de uma forma criativa a todos os que precisam de uma palavra de esperança, levando avante a missão que Jesus nos confiou há dois mil anos. Esta missão pode passar pela capacidade de escuta, pelo silêncio ou simplesmente pela presença.

Claro que estou consciente que esta radical entrega tem as suas dificuldades, mas Jesus chama-nos a ser corajosos e a testemunhá-Lo, não a partir do nosso “sofá”, mas a partir e no do seio da sociedade, pois, para ser de Deus, é preciso que nos deixemos provocar, que nos desinstalemos das nossas seguranças, do nosso conforto pessoal, para ir onde realmente sentem a nossa necessidade. A grande máxima ao abraçar esta missão é estar disponível para serviço, tendo como único modelo a seguir Jesus ao lavar os pés aos Apóstolos, totalmente despojado para servir aqueles que O haviam de seguir, tal como São Francisco Xavier afirmou: “para Deus sobe-se descendo”. Por isso, não se trata de uma questão de assumir um “poder”, mas de abraçar uma missão de serviço completamente despojado para ser enviado e estar à disposição de todos, pois, tal como Jesus, “Eu estou no meio de vós como Aquele que serve” (Lc. 22,26).

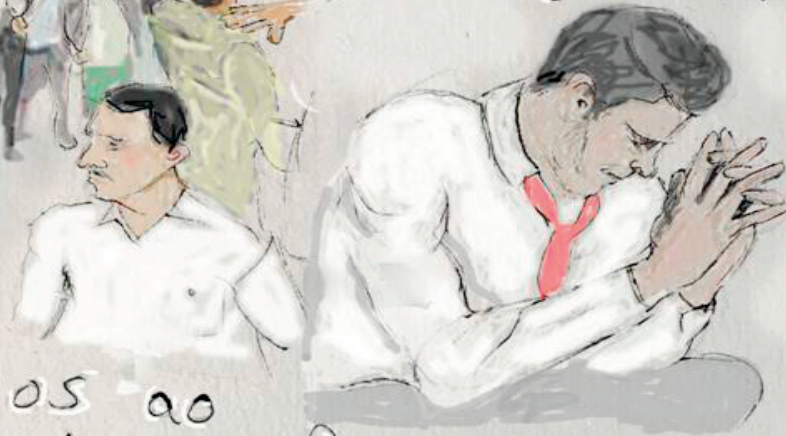
Na certeza de que é Deus quem nos chama e envia, sinto que o desafio é interessante porque o amor d’Aquele que nos convoca e provoca é inabalável, capaz de transformar a vida em plena doação à Igreja.

Pe. Leonel Cunha, Caires

Escolhidos do
Mundo



Moldados pelo
ESPÍRITO



Enviados ao
Mundo

Para ser sinal
de Esperança





Livro: **“Transparências”**
 Coordenador: Joaquim Félix
 Editora: Paulinas
 Ano: 2017

Jovens e a arte de discernir é um ótimo livro, que se enquadra em perfeita sintonia com tudo quanto se trabalhou no Sínodo dos Bispos sobre os Jovens, a fé e o discernimento vocacional. Na Apresentação, da qual o Pe. Joaquim Félix é autor, além de coordenador de

todas as 20 grandes entrevistas, pode colher-se a estrutura, a densidade e a pertinência de uma obra que assume o estilo duma ‘odisseia’, cujo navegar é feito por jovens que se exercitam na arte de discernir a vida.



Livro: **“O batismo da imaginação”**
 Autor: Antonio Spadaro
 Editora: Paulinas
 Ano: 2016

A caminho de casa, com o sol de Outono, percebemos um «excesso» nas casas por que passamos diariamente, nas árvores que circundamos, no mistério em que nos embobamos. Spadaro desafia-nos a este experienciar,

demorado e contemplativo, atitude de que importa nutrir-nos quando nos abeiramos do poema de Dickinson, ou da imagética presente em “As crónicas de Nárnia”. Competência estética e competência existencial como permeadas pelo mesmo vínculo: a capacidade e a sabedoria de sabermos que a vida “não pode ser só isto”. Poesia e aposta. Imaginação e criatividade, na fronteira necessariamente habitada para o diálogo cultural.

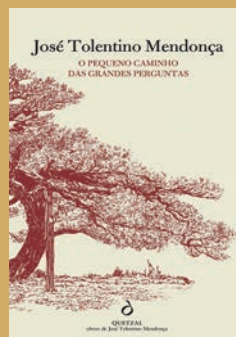


Livro: **“O elogio da imperfeição”**
 Autor: Paolo Scquizzato
 Editora: Paulinas
 Ano: 2016

Chegar de mãos vazias: à tentação de controlo, ao erro do perfeccionismo, ao esquema prémio-castigo opor o reconhecer, e nesse reconhecimento libertar-me, ca-

recido de adimplemento. É nas nossas chagas, nas feridas e debilidades, no lado mais obscuro que nos permeia, e que de bom grado esconderíamos de nós próprios, que somos aco-

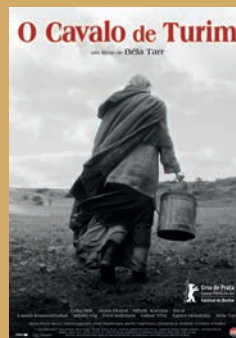
lhidos por aquela graça longe da qual seríamos/estariamos fechados/sitiados. Nessa aceitação do frágil que há em nós, do limitado em que nos situamos, o assentimento Àquele que nos Transcende, reconciliação, por um Amor que nos precede, conosco - e com os outros.



Livro: **“O pequeno caminho das grandes perguntas”**
 Autor: José Tolentino Mendonça
 Editora: Quetzal
 Ano: 2017

Se, como assinala o autor, hoje ninguém (nos) ajuda a ler o mundo, é, também e em boa medida, porque há um apagão cultural daquelas narrativas, desses textos fundadores de mais de 2000

anos de História, o Evangelho. Um cristianismo sapiencial - a actualização das narrativas, seus personagens e lugares, sempre de corpo inteiro, como referências para podermos acolher a vida boa, nestes dias da segunda década do século XXI - é uma proposta que é redescoberta ousada e necessária para o nosso tempo deslaçado, penetrada pelo fulgurante olhar do literato e homem de fé.



Filme: **O cavalo de Turim**
 Autor: Béla Tarr
 Ano: 2012

Porque secou o poço? O plano demorado, a fotografia íntima e única colocam-nos em cena: como que Sísifo experimentando o absurdo da repetição, na casca de batata diariamente suportada. Não dialogamos, o deserto é real, sopra da rua uma tempestade imensa, há um não sei quê de

à espera de Godot. Deixamos que se instalasse o mal, à espera de um intervencionismo exterior mal compreendido (a mediação é inescapável). O louco nietzscheano irrompe pela sala como uma revelação. E há uma vela, com a qual se luta, para a manter acesa, cena dramática: quem constata “a morte de Deus” é, ainda, quem O procura. Como se Deus, ele mesmo, pudesse morrer. Difícilmente, creio, algum filme captará tão bem o espírito de um tempo. E como ficamos quando a “realidade da realidade” é obscurecida, esquecida, ignorada, desprezada. Filme difícil? Difícil é uma existência naqueles comprimidos limites: o de uma concepção de Deus demasiado estreita, e um conseqüente viver sem sal, sem sabor.